

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE

DIGITAL HEALTH E E-PATIENTS

UM GUIA PARA ESTUDANTES DE MEDICINA

**LISIUS UCHÔA GARCIA MONTEIRO
EDVALDO DA SILVA SOUZA**

Ficha Catalográfica
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

M775d Monteiro, Lisius Uchôa Garcia

Digital Health e E-patients: um guia para estudantes de medicina. / Lisius Uchôa Garcia Monteiro, Edvaldo da Silva Souza. – Recife: Do Autor, 2021.
12 f.

E-book.
ISBN: 978-65-84502-02-4

1. Digital Health. 2. E-patientes. 3. Estudantes de medicina. 4. Medicina – tecnologia. I. Monteiro, Lisius Uchôa Garcia. II. Souza, Edvaldo da Silva. II. Título.

CDU 6

APRESENTAÇÃO

Este e-book é o produto técnico fruto de uma dissertação para obtenção do título de mestre em Educação para o Ensino na área de Saúde na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). Além disso, é uma maneira pela qual visamos contribuir com o processo de educação em saúde de estudantes e docentes.

A criação de materiais acessíveis sobre *e-patients* e *digital health* e a sua disseminação entre estudantes e profissionais contribui sobremaneira para a promoção de discussões acerca desses assuntos. Espera-se introduzir conceitos-chaves referentes ao tema, permitindo uma reflexão crítica, especialmente para aqueles que terão um primeiro contato com o assunto através deste material.

Desejamos a todos uma boa leitura.

SUMÁRIO

O QUE É DIGITAL HEALTH?.....	03
DIGITAL HEALTH: IMPACTOS.....	04
E-PATIENTS: QUEM SÃO?.....	05
E-PATIENTS: O QUE FAZEM?.....	06
E-PATIENTS: O QUE PENSAM OS MÉDICOS?.....	08
E AGORA? O QUE FAZER?.....	10
REFERÊNCIAS.....	11

O QUE É DIGITAL HEALTH?

Digital Health é fruto do desenvolvimento tecnológico e inclui uma gama de bens e serviços voltados para o cuidado em saúde. O termo inclui desde aplicativos móveis utilizados por pacientes para o autocuidado a softwares sofisticados que dão suporte aos médicos para tomada de decisões. Além disso, a Digital Health possibilita ferramentas de aprendizado baseadas em inteligência artificial, plataformas digitais, sensores utilizados para propósitos médicos (como o monitoramento da saúde dos pacientes, etc).



Reflexão: de acordo com o artigo 196 da Constituição Federal Brasileira: “a saúde é um direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos, e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção e recuperação”.

A partir desse trecho é possível afirmar que a exclusão digital na qual muitos brasileiros estão inseridos é um entrave para a concretização da saúde como um direito?

Para mais informações, acesse o site da Canada Health Infoway através do link: <https://www.infoway-inforoute.ca/en/what-we-do/benefits-of-digital-health/what-is-digital-health> Acesso em 23 de agosto de 2021.



 Canada Health Infoway



DIGITAL HEALTH: IMPACTOS

Há grande preocupação que o rápido acesso a milhões de informações, algumas nem tão criteriosas e sem base científica, possa expor os pacientes a maiores danos à saúde. Além disso, alguns médicos, especialmente aqueles com maior tempo de formação, podem não estar habituados com às tecnologias de informação e adotarem uma postura mais “desconfiada” em relação aos aplicativos e dispositivos mais recentes. Por fim, uma parcela dos profissionais pode acreditar, ainda, que o avanço tecnológico na área da saúde levará ao declínio da profissão médica.

Apesar disso, pesquisas demonstram que a Digital Health tem potencial para:

- 1** REDUZIR INEFICIÊNCIAS NOS SERVIÇOS DE SAÚDE
- 2** MELHORAR O ACESSO A INFORMAÇÕES
- 3** REDUZIR CUSTOS
- 4** MELHORAR A QUALIDADE DO ATENDIMENTO
- 5** PROMOVER UMA MEDICINA MAIS PERSONALIZADA
PARA OS PACIENTES

E-PATIENTS: QUEM SÃO?

Em 2007, Tom Ferguson criou o termo e-patient para descrever àquele tipo de paciente que busca informações sobre sua doença na internet e participa de decisões baseadas nas informações adquiridas. Estes pacientes são engajados nas decisões sobre suas doenças e tratamentos.

No QRCode abaixo, você terá acesso a uma palestra Dave deBronkart, um paciente com câncer que, em 2009, tornou-se ativista no que concerne os direitos aos dados pessoais e ao cuidado compartilhado em saúde. O depoimento está em inglês, mas as legendas em português estão disponíveis no vídeo.



Atenção! É importante notar que os e-patients surgem no contexto da digital health, ou seja, foi o avanço das tecnologias da informação que possibilitou o surgimento de pacientes engajados no seu processo-saúde doença através das novas ferramentas tecnológicas.

E-PATIENTS: O QUE FAZEM?



Pesquisam sobre as suas doenças, tratamentos e prognósticos: é comum que os pacientes realizem pesquisas online mesmo antes de procurarem avaliação profissional. Essas pesquisas incluem desde sintomas únicos a um conjunto deles, que podem ou não estar relacionado, mas também sinais físicos que serão avaliados conforme a similaridade com outros que serão obtidos através dessas pesquisas. Essas pessoas podem, inclusive, começar a automedicação, sendo levadas ao serviço médico por complicações dela e não pelos sinais clínicos prévios.



Participam de comunidades online: essas comunidades são especialmente importantes para pacientes que convivem com doenças crônicas como o diabetes e a hipertensão, também para pacientes com sorologia positiva para o HIV, familiares de crianças que fazem parte do Transtorno do Espectro Autista (TEA), etc. Essas comunidades propiciam um ambiente de compartilhamento de experiência e apoio mútuo, mas também abrem espaço para que experiências individuais com determinadas doenças possam ser repetidas sem a avaliação médica prévia. Entretanto, um tratamento que deu certo para uma pessoa, não necessariamente terá o mesmo efeito sobre outra na mesma condição, podendo, inclusive, trazer mais prejuízos.

E-PATIENTS: O QUE FAZEM?



Avaliam médicos: há, no ato médico, uma responsabilidade civil regida pelo Código de Defesa do Consumidor. Isso porque, assim como nas outras profissões, há a prestação de um serviço a um cliente. Não obstante, esse cliente-paciente, assim como faz com outros serviços, pode utilizar a internet para avaliar as consultas médicas e deixar comentários sobre elas para os demais usuários que procurem informações sobre o profissional.



Interagem com outros profissionais de saúde: no contexto de evolução das redes sociais e da telemedicina, é comum que cada vez mais pacientes busquem esse meio para conectar-se com especialistas, seja para trazer novas queixas, seja para seguir o tratamento prévio. Essa é uma característica que muitos e-patients partilham.

Mais informações sobre a Regulamentação da Telemedicina podem ser encontradas no site da Associação Paulista de Medicina do Trabalho através do QRCode:



E-PATIENTS: O QUE PENSAM OS MÉDICOS?

A relação médico-paciente é, sem dúvida, o aspecto mais impactado devido o surgimento dos e-patients. Classicamente, o médico é visto com o detentor do conhecimento e aquele cuja opinião deve ser levada em conta, pois esse profissional é detentor de informação. Essa visão em que o paciente é objeto de estudo e campo das intervenções foi denominada de modelo sacerdotal ou paternalista e por muito tempo foi a lei nos serviços de saúde. No entanto, o rápido avanço das tecnologias da informação e fácil acesso a um grande fluxo delas em um curto espaço de tempo subverteu essa percepção.

Hodiernamente, é comum que o paciente, antes mesmo de se consultar com um profissional de saúde, busque informações sobre suas queixas na internet ou mesmo em comunidades online. Por isso, quando a informação médica destoa daquela encontrada virtualmente, o que pode definir qual delas será considerada pelo paciente não será o prestígio do profissional, mas a relação de confiança que ele constrói com seu cliente no momento da consulta - uma relação que possibilite a discussão de todas as informações, medos e angústias que os clientes trazem consigo.



Sugestão:

No filme "Uma Lição de Vida", a professora Vivian Bearing, especialista na obra do poeta John Donne, é diagnosticada com câncer no ovário em estágio avançado. A obra permite refletir a respeito da relação médico-paciente e da humanização em saúde a partir da perspectiva da paciente, outrora uma profissional ríspida. **Distribuidora:** HBO Films.



Fonte: Google Imagens.

E-PATIENTS: O QUE PENSAM OS MÉDICOS?

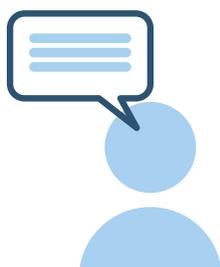
Uma boa parcela dos médicos, principalmente aqueles com maior tempo de formação, sente dificuldade em dividir com o paciente suas decisões clínicas. Os principais entraves apontados por eles incluem:



Fontes de pesquisa usadas podem não ser adequadas: a falta de conhecimento de qualidade metodológica e sobre ferramentas de pesquisa científica pode expor os pacientes a sites comerciais ou blogs em que opiniões pessoais ou o senso comum imperem.



Tempo para discussão com o paciente sobre sua doença e tratamentos não são suficientes devido à alta demanda e pouco tempo hábil de atendimento.



Dificuldade em manter um diálogo com indivíduos que possuem menor compreensão sobre o tema. Para esses médicos, é um processo muito menos trabalhoso adotar um modelo paternalista, sem procurar compartilhar a tomada de decisões com o paciente e seus familiares, o que fere, no entanto, o princípio bioético de autonomia.

E AGORA? O QUE FAZER?

Essa percepção deve estimular a adoção, pelas escolas médicas, de disciplinas voltadas para o treino de habilidades comunicacionais que integrem a noção de e-patients em seus currículos. Isso pode ser feito através da adoção de seminários, simulações, produção de materiais educativos, aulas específicos na cadeira de propedêutica médica, etc.

É de suma importância que os estudantes sejam treinados a escutar esses pacientes, valorizando as informações trazidas por eles e discutindo cada uma delas, pois ignorá-las pode significar um maior distanciamento entre médico e paciente e risco de iatrogenia.

Os médicos, portanto, devem fazer parte do processo educativo, estimulando a adoção de ferramentas que filtrem informações de sites não-confiáveis, de características puramente comerciais e sem qualidade metodológica. É importante que as informações médicas estejam disponíveis para os pacientes sempre que possível e que se mantenha sempre uma escuta qualificada, um dialeto compreensível e que se certifique que a informação foi captada e corretamente compreendida, a fim de evitar impactos negativos que possam surgir da torrente de informações na internet.

REFERÊNCIAS

1. FOOD AND DRUG ADMINISTRATION. **What is Digital Health?**. Disponível em: <<https://www.fda.gov/medical-devices/digital-health-center-excellence/what-digital-health>>. Acesso em 23 fev. 2021.
2. Masters K, Ng'ambi D, Todd G. "I Found it on the Internet": Preparing for the e-patient in Oman. *Sultan Qaboos Univ Med J*. 2010 Aug;10(2):169-79.
3. Giveon S, Yape J, Hekselman I, Mahamid S, Hermoni D. The e-patient: a survey of israeli primary care physicians' responses to patients' use of online information during the consultation. *Isr Med Assoc J*. 2009 Sep;11(9):537-41.
4. Sinclair PM, Kable A, Levett-Jones T, Booth D. The effectiveness of Internet-based e-learning on clinician behaviour and patient outcomes: A systematic review. *Int J Nurs Stud*. 2016 May;57:70-81.
5. Masters K. Preparing medical students for the e-patient. *Med Teach*. 2017 Jul;39(7):681-685.

CRÉDITOS

Este e-book foi desenvolvido no site Canva, acesso aberto. O texto é de autoria dos pesquisadores, no entanto, figuras, molduras e formas utilizadas no documento foram desenvolvidas pelo site e seus colaboradores. Os QRCodes utilizados no documento também foram desenvolvidos utilizando-se de ferramentas do site.